

Enfrentamento da desinformação em comunidades indígenas do Alto Rio Negro: *um guia para jornalistas e divulgadores científicos*

Neste guia, oferecemos recomendações a jornalistas, divulgadores científicos e outros interessados sobre como ajudar no enfrentamento da desinformação em saúde, saúde mental e vacinas em comunidades indígenas na região do Alto Rio Negro (Amazonas), a partir de evidências obtidas em estudo desenvolvido no âmbito do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e da Organização Baniwa e Koripako Nadzoeri, com instituições parceiras.

Os pesquisadores analisaram como a informação e a desinformação em saúde circulam em comunidades indígenas do povo Baniwa no contexto de suas práticas informacionais. Embora o estudo tenha sido realizado em comunidades Baniwa, acreditamos que as recomendações apresentadas aqui possam ser úteis para outros povos da região.

As orientações estão organizadas em eixos de ação e partem do reconhecimento de que a desinformação em saúde, saúde mental e vacinas é um fenômeno complexo e multidimensional, cujo enfrentamento não se limita à simples correção factual, mas também à criação de condições para que informações confiáveis sejam acessíveis e de fácil compreensão, considerando as formas de acesso à informação, as relações de confiança e as particularidades culturais, linguísticas e territoriais do povo Baniwa e outras comunidades indígenas.

O guia foi produzido por uma equipe composta por profissionais de diversas instituições de pesquisa e por indígenas locais, a partir de atividades sobre o tema realizadas no município de São Gabriel da Cachoeira e nas comunidades de Areal e Assunção, em 2025. É voltado a jornalistas e divulgadores científicos, podendo também ser útil para profissionais de saúde, professores e demais agentes que atuam naquele território.

Um novo desafio para a saúde indígena

A desinformação em saúde é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um problema global, capaz de influenciar a percepção da realidade e comportamentos, reduzir a confiança nas autoridades sanitárias, dificultar a implementação e comprometer a eficácia de políticas públicas.

No Brasil, esse fenômeno também alcançou as populações indígenas. A expansão do acesso às plataformas digitais, impulsionada pela melhoria da conectividade e pela redução do custo dos *smartphones*, ampliou as possibilidades de comunicação e acesso à informação em muitas comunidades. Ao mesmo tempo, aumentou sua exposição a conteúdos falsos ou enganosos, adicionando um novo desafio a uma população que já enfrenta limitações no acesso a serviços e recursos de saúde.



2

ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO EM COMUNIDADES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO

Comunicação adaptada às comunidades

Esse cenário impõe desafios adicionais a jornalistas, divulgadores científicos e outras pessoas interessadas nessa área. É necessário compreender como a informação e a desinformação circulam entre as comunidades indígenas, quais são suas práticas informacionais, quais fontes consideram confiáveis e quais barreiras enfrentam para acessar informações de saúde de qualidade. A construção de estratégias de comunicação mais eficazes depende, portanto, de abordagens que considerem as características, necessidades, contextos culturais e formas de acesso e uso cotidiano da informação de cada comunidade. Apresentamos algumas recomendações nesse sentido a seguir.



Recomendações

1 | CANAIS E FORMATOS DE CIRCULAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

A desinformação em saúde, saúde mental e vacinas entre os Baniwa tende a circular principalmente pelas redes sociais, evidenciando a consolidação de uma sociabilidade indígena cada vez mais mediada por dispositivos digitais. O WhatsApp, nesse sentido, destaca-se como principal meio de acesso a informações falsas e enganosas. Seu uso potencializa a circulação de conteúdos altamente visuais, baseados em imagens e vídeos que se espalham rapidamente.

EIXO DE AÇÃO

Jornalistas e divulgadores científicos podem se valer do WhatsApp, uma plataforma já incorporada às práticas cotidianas de comunicação do povo Baniwa, para ampliar a circulação de informações confiáveis sobre saúde, saúde mental e vacinação.

ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS AJUSTADOS ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

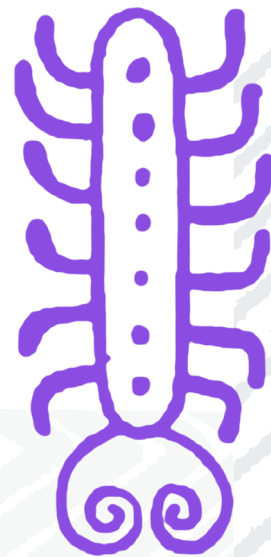
As comunidades do Alto Rio Negro apresentam ampla diversidade linguística, com a presença de idiomas como Baniwa, Yanomami, Tukano e Nheengatu, além do Português. Dessa forma, as estratégias de produção de conteúdos sobre saúde, saúde mental e vacinação precisam ser produzidas ou adaptadas às diferentes línguas e variedades linguísticas da região. Isso pode ajudar a ampliar seu alcance, facilitar a compreensão das informações e favorecer sua apropriação pelas comunidades.

COPRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

A produção de materiais de divulgação científica sobre saúde, saúde mental e vacinação deve ser realizada em parceria com representantes dos povos indígenas da região. A participação de falantes das línguas locais desde as etapas de elaboração e adaptação dos conteúdos pode contribuir para que os materiais considerem não apenas os aspectos linguísticos, mas também os contextos culturais e as formas próprias de comunicação de cada povo. Nesse processo, uma estratégia complementar pode ser a atuação conjunta com mediadores indígenas, que auxiliem jornalistas e divulgadores científicos no acesso às comunidades e na compreensão e mediação de códigos culturais, de forma semelhante ao papel desempenhado pelos *fixers* no jornalismo internacional. A coprodução também pode favorecer a apropriação dos conteúdos pelas comunidades e fortalecer relações de confiança entre comunicadores, pesquisadores e populações indígenas.

FORMATO E LINGUAGEM

A adaptação de conteúdos confiáveis ao formato e à linguagem do WhatsApp (e.g., áudios, vídeos e imagens) tende a facilitar sua assimilação pelos usuários e favorecer seu compartilhamento e circulação. Dessa forma, informações baseadas em evidências têm mais condições de disputar espaço com conteúdos falsos ou enganosos na plataforma.



3

UM GUIA PARA JORNALISTAS E DIVULGADORES CIENTÍFICOS

COMUNIDADES E GRUPOS TEMÁTICOS

A criação de comunidades e grupos temáticos voltados à circulação de informações confiáveis sobre saúde, saúde mental e vacinação no WhatsApp, reunindo moradores de diferentes comunidades da região, pode favorecer a comunicação direcionada de informações baseadas em evidências e aproximar jornalistas e divulgadores científicos dessas populações, contribuindo para a construção de relações de confiança.

2 | DIMENSÕES EMOCIONAIS, SENTIMENTAIS E CONTEXTUAIS DA DESINFORMAÇÃO

A desinformação em saúde, saúde mental e vacinas entre os Baniwa tende a mobilizar emoções e sentimentos, como o medo e a angústia, podendo ganhar força em contextos de polarização política dos debates, intervenção de lideranças religiosas e desconfiança histórica em relação à presença de profissionais de saúde não indígenas. Isso coloca um desafio específico para jornalistas e divulgadores científicos: uma comunicação baseada exclusivamente na apresentação de fatos e evidências pode não responder totalmente aos elementos que dão força e significado a determinados conteúdos desinformativos.

EIXO DE AÇÃO

Conteúdos produzidos fora dos territórios indígenas podem chegar por diferentes canais e adquirir novos significados a partir das experiências, preocupações e relações locais. A comunicação voltada ao enfrentamento da desinformação em saúde, saúde mental e vacinas entre povos indígenas deve considerar os fatores emocionais envolvidos e também o contexto social, cultural e político das comunidades em que as informações circulam.

ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

IDENTIFICAR AS EMOÇÕES E OS SENTIMENTOS ASSOCIADOS À DESINFORMAÇÃO

Compreender se medo, desconfiança, indignação ou outras emoções e sentimentos contribuem para a circulação e a aceitação de determinados conteúdos. Isso pode ajudar jornalistas e divulgadores científicos a identificar as emoções e os sentimentos que precisam ser abordados e a produzir conteúdos que dialoguem com essas experiências, contribuindo para tornar a comunicação mais eficaz para as comunidades e aumentar as chances de que informações sejam compreendidas e compartilhadas.

CONTEXTUALIZAR DECLARAÇÕES E CONTROVÉRSIAS

Quando conteúdos desinformativos estiverem associados a declarações de autoridades ou figuras públicas, é importante apresentar o contexto dessas falas e confrontá-las com evidências, evitando reproduzir a controvérsia de forma desnecessária. Essa abordagem ajuda a esclarecer o que foi afirmado, o que as evidências científicas mostram e quais informações podem ter sido distorcidas ou retiradas de contexto, sem ampliar desnecessariamente a controvérsia e aprofundar polarizações.



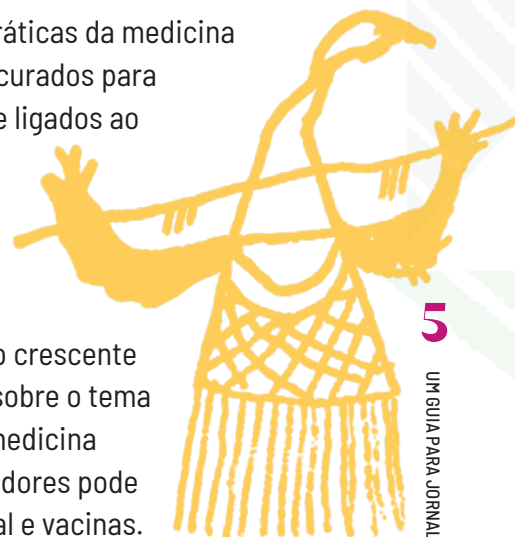
RESPONDER ÀS PREOCUPAÇÕES E NECESSIDADES PRESENTES NAS COMUNIDADES

Os Baniwa fazem uso estratégico das redes sociais para articular pautas locais, buscar notícias sobre direitos indígenas — temas que nem sempre são abordados pelos grandes veículos de mídia —, trocar informações com pessoas de outras etnias e conversar com outros membros da comunidade sobre demandas práticas. Identificar as dúvidas, preocupações e necessidades presentes nas comunidades quanto a questões relacionadas à saúde, saúde mental e vacinas pode ajudar jornalistas e divulgadores científicos a produzir conteúdos que respondam às questões que estão na origem da busca por informações e que possam contribuir para reduzir a circulação de conteúdos falsos ou enganosos.

3 | PLURALIDADE DE REFERÊNCIAS E CONHECIMENTOS EM SAÚDE

Os Baniwa conciliam de forma harmônica e pragmática conhecimentos e práticas da medicina indígena e não indígena. Enquanto pajés e outras lideranças podem ser procurados para determinadas questões de saúde, como saúde mental, os serviços de saúde ligados ao Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) são referência para outras, como vacinação. Em particular, os agentes indígenas de saúde são atores sociais em que os indígenas confiam e procuram quando querem se informar em temas de saúde em geral.

A temática da saúde mental também tem emergido como uma preocupação crescente entre indígenas, que têm reconhecido a relevância de buscar informações sobre o tema junto a profissionais da área, como psicólogos, em conjunto a práticas da medicina tradicional. Uma comunicação que desconsidere essa pluralidade de mediadores pode limitar o alcance e a efetividade das informações sobre saúde, saúde mental e vacinas.



5

UM GUIA PARA JORNALISTAS E DIVULGADORES CIENTÍFICOS

EIXO DE AÇÃO

Jornalistas e divulgadores científicos devem considerar o papel das lideranças, autoridades tradicionais e agentes de saúde na produção, validação e circulação de informações, reconhecendo e articulando diferentes referências de cuidado e conhecimento em saúde, e evitando apresentar os conhecimentos indígenas e biomédicos como opostos.

ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

INCLUIR LIDERANÇA INDÍGENA E AGENTES DE SAÚDE NA COMUNICAÇÃO SOBRE SAÚDE

Existe um duplo movimento de manutenção de fontes de informação ligadas à tradição indígena e de uso das plataformas digitais para acesso a informações da medicina ocidental, sem que haja necessariamente conflito entre as informações compartilhadas por agentes de saúde e aquelas repassadas por lideranças indígenas. Nesse sentido, é importante que jornalistas e divulgadores científicos estabeleçam diálogo com as lideranças, autoridades locais, agentes de saúde e professores, e as incorporem ao processo de comunicação. Essa aproximação pode conferir maior legitimidade às informações compartilhadas e ampliar sua circulação nas comunidades, contribuindo para o enfrentamento de conteúdos falsos ou enganosos.

EVITAR ABORDAGENS QUE INDIQUEM A SUBSTITUIÇÃO DE SABERES TRADICIONAIS

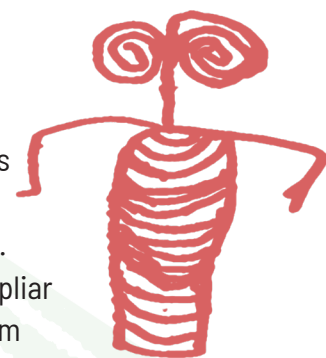
A comunicação não deve pressupor que ampliar o acesso à informação em saúde implique substituir conhecimentos ou autoridades tradicionais. O objetivo é ampliar o acesso a informações confiáveis sem deslegitimar referências locais de conhecimento e cuidado, fortalecendo a capacidade das comunidades de avaliar informações e tomar decisões informadas sobre diferentes questões de saúde, saúde mental e vacinação.

4 | TECNOLOGIA, TRADIÇÃO E NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

A aproximação dos jovens indígenas com as tecnologias digitais pode ser percebida como uma ameaça à manutenção de práticas e conhecimentos tradicionais. Essa perspectiva, porém, tende a desconsiderar que os recursos tecnológicos também são incorporados às dinâmicas culturais das comunidades, atuando como elementos complementares que ampliam as possibilidades de troca e atualização da tradição. No enfrentamento da desinformação em saúde, tratar tecnologia e tradição como elementos opostos pode limitar a capacidade de utilizar os meios digitais para ampliar a circulação de informações confiáveis entre diferentes gerações.

EIXO DE AÇÃO

Reconhecer as tecnologias digitais como parte das formas contemporâneas de comunicação das comunidades indígenas, articulando seu uso à valorização dos conhecimentos, das práticas e das referências tradicionais. Jornalistas e divulgadores científicos podem explorar esses meios para ampliar o acesso a informações confiáveis sobre saúde, saúde mental e vacinas, sem desconsiderar as formas locais de produção, validação e transmissão de conhecimentos.



ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

VALORIZAR OS JOVENS COMO MEDIADORES

Envolver jovens indígenas na produção e circulação de conteúdos sobre saúde, saúde mental e vacinas, considerando sua familiaridade com as tecnologias digitais e seu papel na comunicação entre diferentes gerações. No entanto, é importante que essa estratégia seja usada sem negligenciar o papel ocupado pelas lideranças e pelos saberes nas comunidades, como se verá a seguir.

ARTICULAR CONTEÚDOS DIGITAIS E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Desenvolver conteúdos que dialoguem com conhecimentos, práticas e referências reconhecidas pelas comunidades, evitando apresentar a informação em saúde como substituta dos conhecimentos tradicionais.

USAR OS MEIOS DIGITAIS PARA FORTALECER A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES CONFIÁVEIS

Aproveitar outras plataformas já utilizadas pelos jovens e pessoas de diferentes faixas etárias (e.g., TikTok, Instagram e YouTube) para produzir conteúdos sobre saúde, saúde mental e vacinas em formatos adequados a esses meios e com linguagem adaptada à realidade local, ampliando sua circulação entre diferentes grupos da comunidade.

PROMOVER TROCAS ENTRE GERAÇÕES

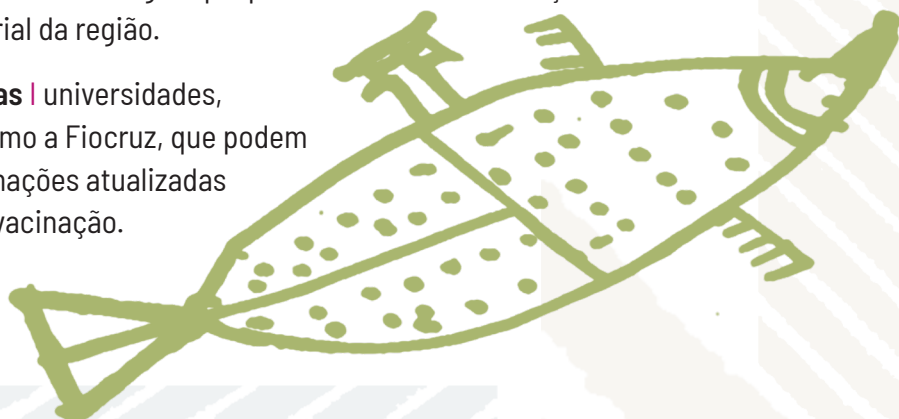
Criar oportunidades para que jovens, lideranças, autoridades tradicionais e profissionais de saúde participem conjuntamente da produção e discussão de informações sobre saúde, combinando diferentes formas de conhecimento e comunicação.

5 | FONTES E SITES CONFIÁVEIS

A escolha das fontes é uma etapa fundamental para a produção de conteúdos confiáveis e contextualizados sobre saúde, saúde mental e vacinas. Em contextos indígenas, é importante ampliar o conjunto de fontes consultadas, combinando conhecimentos técnicos e científicos com experiências, conhecimentos e perspectivas presentes nas próprias comunidades.

POSSÍVEIS FONTES

- **Lideranças indígenas e autoridades tradicionais** | pajés, caciques e outras lideranças reconhecidas pelas comunidades, que podem contribuir com conhecimentos sobre práticas tradicionais, percepções locais e questões que afetam a comunidade, além de conferir legitimidade às informações transmitidas.
- **Agentes indígenas de saúde** | profissionais que atuam diretamente nas comunidades e podem fornecer informações sobre demandas, dúvidas e práticas de saúde nos territórios.
- **Profissionais de saúde mental indígenas** | profissionais que atuam na atenção à saúde mental indígena e podem contribuir para a contextualização de questões relacionadas à saúde mental, prevenção e cuidado.
- **Instituições de saúde e organizações indígenas locais e regionais** | integrantes de instituições responsáveis pela atenção à saúde, governança e articulação social na região do Alto Rio Negro, como o DSEI, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), a Secretaria Municipal de Saúde de São Gabriel da Cachoeira (SEMSA) e o Instituto Socioambiental (ISA).
- **Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi) Alto Rio Negro** | representantes do controle social da saúde indígena, que podem contribuir para a identificação de demandas, problemas e prioridades de saúde no território.
- **Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)** | profissionais da instituição, especialmente aqueles vinculados à Coordenação Regional Rio Negro, que podem fornecer informações sobre os povos indígenas e o contexto territorial da região.
- **Pesquisadores e instituições científicas** | universidades, institutos de pesquisa e instituições como a Fiocruz, que podem fornecer evidências científicas e informações atualizadas sobre saúde, saúde mental, doenças e vacinação.





EXEMPLOS DE SITES CONFIÁVEIS

Ministério da Saúde | informações oficiais sobre políticas públicas de saúde, vacinação e saúde indígena. <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>

Ministério da Saúde – vacinação | informações atualizadas sobre o Calendário Nacional de Vacinação e as recomendações para diferentes grupos populacionais. <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/calendario>

Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) | informações sobre povos indígenas, direitos, territórios e políticas públicas, incluindo saúde indígena. <https://www.gov.br/funai/>

Coordenação Regional Rio Negro (Funai) | informações e notícias relacionadas aos povos e territórios da região do Alto Rio Negro. <https://www.gov.br/funai/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/coordenacoes-regionais-funai/cr-rio-negro>

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) | informações e conteúdos produzidos a partir da perspectiva das organizações indígenas, incluindo temas relacionados à saúde. <https://coiab.org.br/saude-indigena/>

Repositório de Saúde dos Povos Indígenas (Fiocruz) | reúne publicações, pesquisas e outros materiais relacionados à saúde dos povos indígenas. <https://saudeindigena.fiocruz.br/>

Instituto Socioambiental (ISA) | informações sobre povos indígenas, territórios, direitos e saúde indígena. https://pib.socioambiental.org/pt/Sa%C3%BAde_Ind%C3%ADgena

Conselhos Distritais de Saúde Indígena (Condisi) – Ministério da Saúde | informações sobre os conselhos responsáveis pela participação e pelo controle social no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/estrutura/cgpsi/conselhos-distritais-de-saude-indigena-condisis>

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) | informações e evidências sobre vacinação, doenças, saúde mental e saúde dos povos indígenas nas Américas. <https://www.paho.org/pt>

Essa diversidade pode ajudar jornalistas e divulgadores científicos a compreender melhor as questões locais, identificar dúvidas e preocupações e produzir conteúdos mais relevantes para os públicos a que se destinam.



CONTATO | Luisa Massarani | luisa.massarani@fiocruz.br

REALIZAÇÃO | Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Laval, Organização Baniwa e Koripako NADZOERI, Cátedra Oswaldo Cruz de Ciência, Saúde e Cultura.

PARCERIA | Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e Secretaria Municipal de Educação e Educação Escolar Indígena, Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira.

FINANCIAMENTO | Programa Inova Fiocruz e CNPq

FONTES DE FOMENTO | Programa Inova Fiocruz e VPAAPS/Fiocruz via projeto: “Desenvolvimento de ações para o aprimoramento do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS)”, código: VPAAPS/TED 60-2023/Programa Inova Fiocruz. Chamada CNPq/Decit/SECTICS/MS – Nº 30/2024 – Prevenção e Enfrentamento à Desinformação Científica em Saúde (CNPq 442034/2024-5).

9

UM GUIA PARA JORNALISTAS E DIVULGADORES CIENTÍFICOS



Cátedra
OSWALDO CRUZ
CIÊNCIA, SAÚDE
E CULTURA



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



Chaire de journalisme
scientifique Bell



PROGRAMA
INOVA FIOCRUZ

